ANO II—NUMERO 73
PREÇO AVULSO 1 ESCUDO
12 PAGINAS
O DOMINGO
ilustrado
SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA
AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL
NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS – TEATROS SPORTS & AVENTURAS – CONSULTORIOS & UTILIDADES.
ESTE HOMEM TEM A FORÇA:
Ajudemos este homem a salvar
Portugal!

O DOMINGO ilustrado

ANO II N.º 73

LISBOA 6 DE JUNHO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 611 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSAO—R. do Seculo, 150

ECOS

A imprensa e o movimento

E' justo salientar o esforço que a Imprensa fez no sentido de bem informar o publico, nas horas incertas que vivemos esta semana. E, nesse espaço, é ainda mais justo salientar, sem melindre para nenhum colega, o inegavel sucesso de *O Diario de Lisboa*, dando informações que constituem um «record». *O Domingo*, por seu lado, enviando propositadamente um reporter grafico ao Norte, e outro ao Sul e aos arrebaldes de Lisboa, fez o que em suas forças coube para registar graficamente o maior movimento militar do nosso tempo.

O «pic-nic» militar

A' hora a que escrevemos recolheu-se á Cruz Quebrada (oh! simbolos dos nomes!) o sr. Bernardino Machado, e Lisboa, reduzida ás proporções d'uma vila de provincia, espera pacientemente noticias vindas da capital da Força, que é lá para cima, para as bandas do pão de milho e do vinho verde. Positivamente o sr. Gomes da Costa não nos liga nenhuma —e faz bem.

Até parecia mal esta coisa de ser sempre Lisboa a dar ordens. Que diabo, chegou a vez da Provincia falar! E vamos lá com Deus, que falou alto e bom som! Interrogado por jornalistas, o sr. Gomes da Costa, que estava tranquilamente no Hotel do Porto, chamou «malandragem» aos politicos. Depois, foi almoçar. Perguntado se vinha a Lisboa, o notavel cabo de guerra responde: «Talvez . . . mas não sei ainda».

E foi dar um passeio pelos quarteis...

Achamos optimo, porque a verdade é que embora Lisboa tivesse deitado de fóra o sr. Periscopio de Freitas, a verdade é que estes dias têm decorrido cá por baixo numa calmaria, que até parece que o nosso Silva é quem manda . . .

«Não, Oh, Peres!»

A impenitente «blague» portuguêsa!

Sem ela não haverá nada! Nem gesto sagrado, nem heroismo historico!

Andou ontem, de boca em boca:

—Vocês sabem porque o general Peres não fez nada no norte?

«Muito simples: o Antonio Maria falou com ele ao telefone. A certa altura o general perguntou-lhe se devia logo romper fogo, ao que o presidente respondeu, indeciso: «Não! Oh, Peres!»

«Então se não opéro, não faço nada! — respondeu o general, e desligou o telefone.

* * *

O sr. dr. Bernardino Machado está a almoçar. Chama-o ao telefone um jornalista amigo «Sr. Dr., que me diz ao movimento?

Bernardino Machado, distraido, e com o seu melhor sorriso: «Eu, meu caro, o meu desejo é que vençam todos . . .»

A ditadura e o tacho

Este eco, que são as ultimas linhas antes de fechar o jornal, é escrito já depois das declarações dos comandantes do pronunciamento militar. Prometem eles grossas reformas e compactas remodelações—ao passo que nos cafés se conspira já, se não contra as medidas tomadas pelo menos contra a gramatica das proclamações. Apossa-se de muitos um mêdo da situação—que positivamente nós não sentimos, porque a verdade é que nunca sentimos falta de liberdade.

O funcionalismo civil estremece, e foi já mais cedo para as repartições, ontem e hoje. Os politicos estão tambem periclitantes. Parece-nos que a situação se define na frase dum garoto de jornais que comentava o borborinho dos politicos na Brazileira, com esta sintese:

—«Olha como os gajos falam, com medo que lhes vão ao tacho . . .»

Má língua

"QUESTÃO PREVIA"...

«Faz rir, o Parlamento!»—Assim dizia
—é facil calcular por que rasão—
num mixto de tristeza e de ironia
o ilustre auctor do Amor de Perdição.

(E perdoe-me a memoria de Camillo;
talvez seja heresia que a deslustre
isto de, hoje, um chronista, ao defenil-o,
deixar a fountain-pen *chamar-lhe* ilustre *)*

Volveram annos simples e bissextos
neste doido correr do calendario
que recusa motivos ou pretextos
para tornar mais calmo o seu horario;

e todos nós havemos de convir
que os novos parlamentos, sem cessar,
talvez á força de fazerem rir
já nos davam vontade de chorar!

Era uma pepineira. Era um descôco.
A maior pagodeira deste cyclo.
Seis duzias de homens a jogar o socco
num ring *talhado em forma de hemicyclo.*

A Lei, como outras coisas importantes,
era tinta entornada em papeis rôtos;
era a bola de trapos repugnantes
dada á furia esportiva dos garôtos;

graves questões para a Nação inteira
—os Transportes, os Bairros, os Tabacos—
cada uma era uma enorme bananeira
lançada á gula de cem mil macacos;

e em bananeira se tornou S. Bento;
pois afinal,—transformações humanas!—
a gente perscrutando o Parlamento
pouco achava por lá,—fóra bananas.

Faltava o freio a muito vicio forte,
e a muitas ambições desenfreadas;
á Nău do Estado já faltava o norte,
e a certos «animaes» . . . as cobrcadas.

Faltava tudo, emfim; marcadamente
áquelles a quem «massa» escasseava,
pois a quem tinha a bolsa ourileuzente
consciencias rectas - era o que faltava! . . .

Voraz, como enxameava o Funccionario!
tafal, mimoso amigo de passear
com alto coração de visionario
contrario a muito activo funcionar . . .

Era á sombra feliz de uma intangivel
que elles queriam cada vez mais pura
porque vendo no cura um monstro horrivel
os fazia viver em sine cura.

Vivia Portugal numa agonia,
sedenta ainda de um glorioso Bem;
mas ninguem se juntava ou se entendia
nesta especie de terra de ninguem...

Surge agora uma auróra redemptora.
Em manhã triumphal se tornará?
Vem reçagando um manto de vassoura,
e eu pergunto a mim proprio: —«varrerá?»

Thalassa *morrerei . . . Mas, sem rancores,*
creio que a evolução não nos redime;
conhêço conhecidos dictadores
a quem dá força a força de um regime.

Porém, desejo os louros mais completos
a quem veio empolgar nosso destino.
Para beneficiar filhos e netos,
seja a Espada a que escrêva mais decretos,
—sob a tutéla ideal do Pae Paulino . . .

TAÇO

OS ACONTECIMENTOS

A ANCIOSA ESPECTATIVA EM LISBOA

O publico lendo avidamente um placard do Diario de Noticias *na esquina da Rua do Ouro.*

(Cliché de «O Domingo ilustrado»)

questão previa

NO preciso momento em que rabisco esta cronica sinto, nitida, a impressão de que estou vivendo uma hora historica, uma destas fases da vida nacional que, mais tarde, os compendios da historia patria hão-de mencionar, para arrelia das gerações vindouras, que para satisfazerem nos futuros exames de instrução primaria teem de decorar uma data de datas.

Tendo nascido sem aquele dom divinatorio de que vivem as sonambulas e as acordambulas, á razão de cinco escudos por consulta, não me é possivel saber, no momento em que escrevo, o que se estará passando em Lisboa e no resto do país, quando este numero do «Domingo» estiver a ser gulosamente disputado por bandos de leitores frenéticos. E' muito possivel que tudo esteja em socêgo e o ceu seja dum azul purissimo, não me custando, todavia, acreditar que se passe exactamente o contrario, tanto na terra como no ceu. Tranquilo ou agitado, o que não sofre duvida é que o momento que vivemos é historico e eu insisto especialmente nesta afirmação, porque nunca ha forma de a gente se convencer de que os sucessos mais anormais decorrem normalissimamente e que tudo o que a historia regista se passou com naturalidade e sem que os contemporaneos tivessem a noção exacta da grandesa dos casos a que assistiram com curiosidade ou indiferentes.

Assim, ninguem poderá supôr que no dia 1.º de Dezembro de 1640 se deixou em Lisboa de almoçar, jantar, ceiar e de satisfazer outros apetites organicos e, no entanto, quando lemos a pagina classica de Rebelo da Silva, ou contemplamos, num velho calendario da fabrica de bolachas, a queda do Miguel de Vasconcelos, não podemos deixar de visionar toda a Lisboa empenhada em «sacudir o jugo», vibrando de patriotismo, enchendo as ruas de clamor e de ruido de armas. A plebe encolhida nas suas vielas, emquanto os senhores fidalgos andavam por lá a jogar as cristas, os marteirais martelando ou serrando na Ribeira das Naus, as colarejas fazendo o seu negocio, toda esta mesquinha vida de todos os dias se dilui e apaga no grande quadro que a distancia engrandece e em que ha conspiradores vestidos de negro, empunhando espadas nuas, e um padre agitando uma grande cruz por cima das cabeças E cremos firmemente que nesse dia extraordinario a vida deteve as suas funções vulgares e que um arrepio heroico animou a banal condição humana.

* * *

Com os duzentos anos volvidos sobre os acontecimentos que ora se produzem, se um moço atento e curioso se curvar sobre a pagina da historia que tais factos arquivar, ancioso de conhecer e de viver a emoção destes momentos, ha-de experimentar sensação identica á que nos empolga quando folheamos o passado, não se lembrando de que tambem ele, o moço curioso, estará vivendo na sua epoca alguma fase historica.

E' para ele, para esse leitor futuro, que eu escrevo esta cronica, para lhe garantir que a sua emoção não tem razão de vibrar com a descrição das horas que estamos vivendo e que não podem ser mais banais e corriqueiras, apezar do tilintar de armas, por emquanto pacifico, que vai por esse país.

Se nesta hora historica ha quem experimente emoção e anciedade são as «sopeiras» de Lisboa, que entre as tropas do general Gomes da Costa, que avançam sobre a cidade, esperam encontrar um carregamento daqueles «primos», que constituem o enlevo delas e o desespero das patrôas.

Ler na pagina 8 sensacional exame grafico aos autografos feitos propositadamente para O Domingo *por: Gomes da Costa, Mendes Cabeçadas, Armando Ochôa, Filomeno da Camara e Raul Esteves.*

HUMORISMO

crónica alegre

A PROPOSITO DA REVOLUÇÃO

Só uma vez, depois de 1910, fui convidado a tormar parte numa revolução. Alguem me procurou com pésinhos de lã e me sussurrou no tímpano que tudo estava preparado para derrubar o governo de então. Era o de Sidónio Paes. Enumerou-me o tentador as unidades militares e os nucleos civis de que dispunha o movimento revolucionario e, porque eu vinha do *front*, ofereceu-me na peça um logar de tenorino. Respondi aproximadamente o seguinte:

—Julgo, com efeito, necessária essa revolução. A nossa situação militar em França, a nossa situação diplomática junto dos aliados, são deploraveis. Caso se mobilisem os elementos que acabo de ouvir citar, ha muitas probabilidades, quasi todas, de se vencer. Simplesmente pergunto o seguinte: qual é o governo, saído da revolução, que vae substituir o existente? Quem vão ser dentro desse ministério os titulares das pastas da guerra e dos estrangeiros? Que medidas imediatas tencionam pôr

esses ministros em pratica para modificar a nossa situação militar e a diplomática?

O meu interlocutor, que é hoje nosso ministro junto duma das republicas sul-americanas, fitou-me em silencio durante uns instantes e acabou por me dizer:

—O ministério não se sabe ainda qual será. Compreendes que é muito difícil escolhê-lo d'antemão. Por isso tambem não te sei dizer quaes as medidas que virão a ser tomadas. Tudo isso são cousas para resolver *depois*..

—Pois, meu amigo, atalhei eu, emquanto eu não souber ao certo para que arrisco a péle, prefiro ficar em casa assistindo á bernarda e fazendo votos para que déla saia—o que não acredito—qualquer cousa de util para o nosso país.

Havia *comités* no Norte, no Sul, no Levante e no Poente. Meio mundo estava falado, outro meio comprometido. Simplesmente, não se sabia o que se faria *depois*, caso a revolta saisse vencedôra.

Como disse, só dessa vez me tomaram o pulso em matéria de agitações revolucionárias. Se me tivessem honrado com qualquer convite os organisadores das vinte e nove tentativas de implantação da Republica em Portugal, teria sempre perguntado:—«Que se faz *depois?*» Porque o mais facil, meus amados irmãos, é armar uma bernarda na rua, trazer tropa para fora dos quarteis e disparar algumas grósas de tiros para assustar os paisanos incautos. Isso está ao alcance de insignificantes. O peor é *depois*. Nunca vi chegar uma revolução ao poder levando no bolso os decrétos, que, em vinte e quatro horas, façam mudar o aspecto da nossa vida politica. O que vejo reinar apoz o triunfo são sempre a confusão. o atropêlo de ideias, as ambições pequênas e os disparates grandes, as vinganças pessoaes e toda uma série de mesquinharias que estão longe de corresponder ás promessas daquêles programas pomposos e vagos, que, em proclamação, nos são comunicados e tem vinte e sete aplicações como os canivétes do Freire gravador.

Uma nova revolução acaba de agitar o país. Como as anteriores, não trazia a sua obra de regeneração preparada senão nas intenções, que, por parte dalguns dos seus dirigentes, são explendidas. Abramos-lhe um crédito de sessenta dias. Se, decorridos esses dois mêses, não houver obra que se veja, pela minha parte direi:—«Não valeu a pena tanto incómodo!» e ficarei aguardando a seguinte. Se for convidado para éla, já sabe quem me vier tocar no ferrôlho a pergunta que o espéra:—«Pois sim ... E *depois?* ...

O CAPITULO DAS MODAS

Quando se abre a grande estação de inverno é uso os grandes «costureiros» francêses serem entrevistados pelos *reporters* elegantes. «Que vae usar-se no ano proximo? Quaes são as tendencias estéticas e filosóficas das proximas modas femininas?» E os «mestres» explicam. As mulheres ficam

orientadas, se é possivel orientar-se dentro da desorientação. Ora, ultimamente, aproveitando uma das minhas rápidas viagens ao estrangeiro, tive a curiosidade de ouvir um grande alfaiate parisiense, arbitro da moda masculina francêsa, o qual, como é natural, tem uma taboleta inglêsa nas janélas do seu *studio*.

—Este inverno, me disse êle, mirando com certo desdem a minha indumentaria sem pretensão, foi o da calça saia, a calça á maruja. Para o ano vamos lançar uma outra inovação mais radical: a calça cuéca, a calça pelo joêlho, o calção dos nossos avós, mas largo e solto. Os homens usarão a meia de sêda até por cima do joelho, substituida no verão pela peúga arrendada, com liga de fantasía.

—E não lhe parece que o sistema piloso de certos senhores fará mau efeito?

—Os depilatórios não se inventaram para os *lulús* da Pomerania.

—Certas plásticas, que não são de archeiro, terão rebuço de se exibir.

—Então não vê as mulheres? Porventura só as de perna escultural é que a mostram até ao pescoço? E as outras? As de canelim de macarronête? E aquêlas cujas pernas têm barriga de major reformado?

Não me atrevi a apresentar mais nenhuma objecção. Seja tudo em desconto dos nossos pecados. Por mim, emquanto não sai o decreto da calça cuéca, vou passar a alimentar-me quasi exclusivamente de arroz. Dizem ser excelente para engordar a gambia.

UMA HISTORIA JUDÍA

Recordo-me de ter lido, não sei onde, esta historia, que não deixa de ter a sua gracinha.

Um judeu foi autorisado a vender á porta dum banco *sandwiches* e bolos sêcos, que os empregados consumiam á hora do *lunch*.

Começou fazendo uma pequena fortuna, a ponto que um correligionário julgou boa a ocasião de lhe ir pedir uma sôma emprestada.

— Impossivel, meu caro amigo, explicou o vendilhão do templo da fi-

nança. Comprometi-me com o banco a não emprestar dinheiro. Ele, em troca, nunca venderá *sandwiches*.

ALGUNS PEQUENOS PENSAMENTOS

A virtuve consiste em não fazer qualquer cousa, só o vicio é acção. Os virtuosos são, no fundo, uns preguiçosos.

* * *

Quando certos fulanos nos dão um aperto de mão, ha sempre vantagem em contar os dêdos depois.

ANDRÉ BRUN

Um artista e mestre notavel

Sem grande retumbância publica efectuou-se na Escola de Belas Artes uma tocante homenagem a um professor eminente e a um pintor ilustre, o sr. Velozo Salgado.

A festa, promovida pelos alunos deste professor, teve um caracter muito intimo e estrictamente profissional, o que muito a valorisou. Velozo Salgado, cujos admiraveis e preciosos estudos ainda hoje decoram as suas aulas oficiais de pintura, tem o seu nome ligado a grandes quadros de arte contemporânea.

A essa justissima homenagem, pois, se associa com o maior prazer o Domingo ilustrado.

NO PROXIMO NUMERO

UMA NOVELA ALIMENTAR COMPLETA

O Abarrotary Club

DE

AUGUSTO CUNHA

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

UM TIRO NA NOITE

Pagina de emoção novelesca á volta da morte de suave heroismo do tenente-ajudante Augusto de Oliveira.

POR essa tarde macia de Maio a sala dos oficiais do 31 estava deserta. Sobre a velha mesa de oleado negro, onde um cinzeiro de vidro guardava uma avalanche de pontas de cigarro, jaziam amarrotados alguns jornais do dia.

Depois do tempo da tarde da instrução aos recrutas, os oficiais tinham-se reunido a beber umas cervejas, guardadas no fresco da velha cisterna conventual do quartel. Falou-se de politica. Iam más as coisas! E considerando das janelas os recrutas, em baixo na parada, jogando o chinquilho á sombra fresca da velha olaia, o tenente S. dissera: E' uma miseria!

—Imaginem vocês que não sei como heide pagar agora o trespasse da casa nova. Vão-se-me dois meses de soldo. Tenho que me agarrar ás explicações para o liceu.

—Caramba!—berrou o alferes S. atirando violentamente o «bonnet» sobre a meza!—Raios me partam se a gente não estoira com isto!

«Hoje quiz dar instrução e não temos

Responderam-lhe com uma gargalhada...

uma correia capaz para ensinar equipagens! Isto mete nôjo!

«Fosse eu solteiro como você, e ainda me arriscava!

—A quê?

—A mexer «isto»!

—Feche a porta. O nosso major está ahi no corredor. Vocês sabem? A revolução estala em Lisboa, no sabado, contra o governo e contra o Presidente.

—Quem é o chefe?—São varios: Gomes da Costa partiu esta noite para o norte. Em Lisbôa Mendes Cabeçadas deve suster a marinha. No sul está o general Carmona.

—Vocês obedecem ao governo se nos mandarem marchar?

—Eu não dou um tiro!

—Eu não dou um passo!

—Eu defenderei a Republica!

—Eu vou para onde me mandarem,—redarguiu, olhando por cima dos oculos, um capitão da administração militar, que fazia um pobre cigarro de francez, ao canto do velho canapé de «reps» esfarrapado, que em diagonal se cruzava a um angulo na frente da pianha dum busto de gêsso da Republica, sujo do pó de muitos mezes.

Fez-se nm pequeno silencio. O tenente Oliveira levantou-se muito palido, a contrair no seu tic nervoso os músculos secos da cara:

—Pois eu, camaradas, defenderei o governo! É essa a missão que me confiaram. E eu não sei discutir missões militares!

—Defenderás até onde puderes!

—Defenderei até á morte!

—Ena o que ahi vai! Oh! filho, o Antonio Maria não quer tanto!—responderam numa gargalhada os oficiais.

—Até á morte—gritou num berro.

Calaram-se todos.

Fez-se um frio silencio em volta, e o tenente saúdou militarmente, disposto a sair.

Só o tenente S. avançou de novo:

—O' Oliveira! para que são essas farroucas todas? Você não vê que todos estamos cheios de rasão para nos revoltarmos! Você é sempre o mesmo! no 18 de Abril estava com os revoltosos—e afinal não foi com êles!

—Por isso mesmo! Não fui com êles—não irei com nenhuns revolucionarios! Dou-lhe a minha palavra de...

—Não dê, Oliveira!

—Porquê?

—Terá de faltar a ela!

—Quem m'o impede?

—Todos lh'o impedirão!

«A revolução ficará triunfante — e você terá que a acompanhar.

—Nunca!

—Veremos!

—Veremos!

* * *

Era um taciturno, um concentrado, um temperamento enigmatico para muitos, o tenente Oliveira, que nessa neblina fria da manhã do dia 30, deu um tiro num ouvido, encostado a um dos eucaliptos da estação de Nine.

O oficial não dormia. Deambulára pela noite, separado dos companheiros, ao acaso da estrada, fugido ao horror do conflito.

Sentia-se entre o eminente desprezo dos camaradas e compromisso terrivel daquela tarde tranquila em que dera a palavra de honra, entre risadas de todos, de que defenderia até á morte o governo legal. E tinham-lhe assacado uma falta passada, justificada havia muito. E tinham-se rido do seu pusitanismo. E rir-se-hiam decerto, de novo, quando o soubessem ali, sentado na ponte, a esperar socegado o abrir duma tasca para tomar um café, emquanto o cavalo melancolico mastigava a relva humida das moitas no cinzento da manhã...

* * *

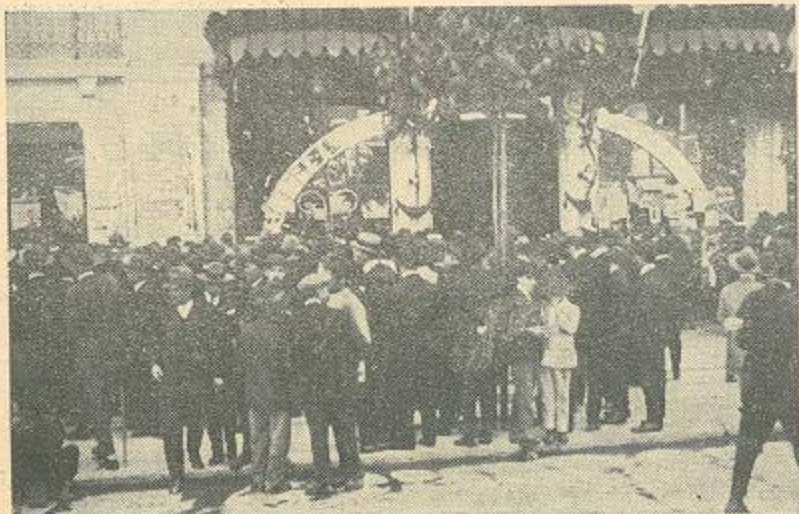
Ergueu-se. Tambem sobre o cabeço e o vale da linha ferrea, uma nesga clara e vermelha como sumo de romã,...—como sempre!—se erguia, envolvendo as paisagens e as figuras duma caricia de luz. Foi até junto do cavalo. Tirou do dolman uma carta e entalou-a no selim. Depois, ficou de bruços so-

Estava morto o tenente Olivei a...

bre o cavalo, amarfanhado, como um farrapo. O «kepi» tombou-lhe na nuca, e uma golfada de cabelos saltou-lhe sobre a testa. Amarrou a montada ao tronco vermelho do eucalipto. Deu alguns passos. A neblina voltava cinzenta, fria, com a aragem cortante da manhã, a dar um tom suave ás ramarias frescas.

Tirou a pistola. Olhou-a firmemente. Fechou os olhos. E segurando com a mão esquerda o pulso da direita, deu um tiro, um tiro só, sem eco, sem retumbancia surdo, seco, metalico, como o estalar dum bogalho sob a pata do cavalo que, melancolico, continuou mastigando a herva macia...

Um fio, tenue como um fitilho vermelho, emoldurou-lhe a boca... Tinha morrido um homem sacrificado á sua honra. A sua morte é sagrada.— *X.*

OS ACONTECIMENTOS

A multidão em frente da Brazileira do Rocio, no momento de ser afixado o «placard» do governo que dava como vencido o general Gomes da Costa

Ao cair do dia, as tropas acampadas na Amadora tomam o seu rancho, depois da longa caminhada do avanço sobre Lisboa.

O DOMINGO Ilustrado

TEATROS

cá por dentro

Ernesto Vilches

Do grande artista Vilches recebemos esta carta que registamos, por ser raro os artistas extrangeiros que nos visitam—em geral de 2.ª ordem e que vêm especular o nosso «snobismo» idiota—serem gentis com a imprensa e com o publico. Vilches, pelo contrario, mostra-se como todos os grandes, modesto e agradecido pela bela critica que aqui lhe publicou André Brun.

Lisboa, 30 de Março de 1926

Sr. Leitão de Barros

Muy Sr. mio, y de mi más distinguida consideración:

Antes de marchar para España, tengo vivo empeño em manifestarle mi mayor agradecimiento por todos los imerecidos elogios que ha tenido Vd. la gentileza de tributarme en sus escritos al ocupar-se de mi modesta labor artistitica.

Igualmente doy a Vd. las más expresivas gracias en nombre de los artistas de mi Compañia a quienes ha alcanzado tambi(é)n su benevolencia.

Crea Vd. que conservaré de mi estancia en Portugal un muy grato recuerdo y especialmente de las amables criticas teatrales de Vd.

Aprovecho muy gustoso esta ocasión para reiterarme de Vd. muy atto. s. s. y affmo. amigo q. e. s. m.

Ernesto Vilches

Gil Ferreira

Deve já ter estreado na capital do Norte a brilhante companhia que fez a epoca de inverno no Gymnasio. Apesar da enorme crise por que o teatro declamado passa entre nós, Gil Ferreira conseguiu fazer uma epoca vitoriosa, em que, sobretudo, o «Banco», o «Rosario» e a «Vida e doçura» marcaram. Ha dias realisou-se um banquete a esse actor, que, passando de artista para director de scena e emprezario, soube não se desiquilibrar. Se tivessemos tido ocasião de lhe poder nesse momento dizer algumas palavras—dir-lhe-iamos que um director de teatro não se improvisa e que, por isso mesmo, tem valor o que ele fez, já rodeando-se de artistas como Palmira Bastos e Henrique de Albuquerque—dois grandes nomes— já escolhendo peças, tradutores e colaboradores de teatro, capazes de lhe valorisarem o esforço. Nisso mostrou Gil Ferreira o seu fino tacto, tendo-nos desta sua primeira epoca ficado uma impressão que não desmerece, antes pelo contrario, valorisa a sua bela carreira de actor moderno e tão simpatico ao publico. Que o Porto premeie o seu esforço honesto eis o que desejamos.

palestras de café...

RECLAMO E PUBLICIDADE

—CONFESSO, meu caro amigo, que, uma manhã destas, apanhei uma pançadinha de riso ao ler na cama o seguinte anúncio dum dos espectaculos de Lisboa:

> **OTELO**
>
> Vida aventurosa dum mouro que julgando-se atraiçoado estrangula a esposa adorada, apunha-la o falso amigo e acaba por degolar-se.

(Foram respeitadas a ortografia e a pontuação do original)

– Tambem eu li e me ri o meu bocado.

—Imagine você que o grande Will, o «cisne melodioso do Avon», a quem Voltaire chamava «o selvagem bêbedo» e a quem Victor Hugo admirava «comme une brute», tinha debaixo dos olhos este singular anuncio! Se lhe dissessem que era dirigido ao publico duma capital, que ideia faria êle da ideia que faz da intelectualidade desse publico a emprêsa responsavel de semelhante publicidade?

—Não leu ultimamente e durante dias consecutivos, a proposito da *Dança da Meia Noite*, de Carlos Méré, em scena no Nacional o seguinte réclamo: — «A peça que apresenta analogia flagrante com o caso Angola e Metropole e o crime da Maria Alves?»

—Li, meu amigo, e não soube se me havia de rir, se havia de pasmar. Estamos a dois passos da *parada* da feira. Vamos a caminho de ver desfilar na varanda dos teatros os artistas vestidos e caracterisados ao som de marcha tocada por um *cavalinho* de cornetim, trombone e tambôr. Por outro lado, ha jornaes onde as emprezas teatraes podem, mediante ajustada pecúnia, escrever ácerca dos seus espectaculos anuncios que nada deferencía do resto da materia jornalistica. E' então cada adjectivo, cada adverbio, cada superlativo que até se nos séca a saliva na bôca.

—Não estarão as emprêsas que recorrem a esses exagêros e a certas bacoquices desvirtuando a verdadeira força da publicidade?

—Não sei ao certo. Noutro meio, mênos saloio e mais habituado a julgar por si prôprio, não resta a menór dúvida que essas práticas resultariam ridiculas. Mas entre nós... Ha que interessar um certo publico e esse é muito possivel que se deixe sugestionar. Entretanto, que de cousas interessantes ainda ha a fazer no capitulo publicidade! Abra os grandes *magazines* americanos. Veja, noutra nota, como na imprensa francêsa certas personalidades cuidam do seu reclamo inteligentemente e sem melindrar a massa cinzenta das pessoas que sabem ler por cima!

—Portugal é um pequeno paiz.

—Pois sim. Tambem não faz diligencia nenhuma por crescer. Por isso, em vez de nos indignarmos, o mais lógico e sensato caminho a seguir é tomar tudo isto á boa paz como folguêdo de rapáses pequênos, que andam a brincar perpétuamente. Como ha quem lhes ache graça, para que encará-los com severidade e de sobrecênho carregado? Sorria, meu amigo, e ria-se sempre que possa.

A. B.

comentarios

Ponto para exame dum corista, nos celebres juris do Conservatorio

O Conservatorio deu agora, em cumprimento duma lei recente, em passar licenças para se representar, mediante um exame (?). Chega-nos ás mãos o documento seguinte:

Ponto para exame do corista Baptista Diniz.

Monologo das Gargalhadas, do Custodia da «Severa».

Crisostomo, da «Meia Noite», creação de Brazão

Caracterisação: «Bôbo do Rei Lear».

Um soneto de Camões.

Trechos do Frei Luiz de Sousa.

Dança. Minuete.

Seria supinamente ridiculo, se não fosse lamentavel e triste, o que se está passando. O monólogo da «Severa» é, como se sabe, uma tirada das mais falsas que ha em teatro, sendo, na peça de Julio Dantas, um «rodriguinho» sediço, inverosimil e do peor que esse autor tem escrito.

O Crisostomo da «Meia Noite» (creação de Brazão) o que quere dizer? Que se repita a creação do Mestre? Mas é tambem sabido que ele foi um desastre completo, atacado pela critica unanimemente.

A caracterisação do Bobo Shakespeareano? Mas, para se fazer isso com consciencia é preciso conhecer toda a historia e toda a filosofia dos «Farçantes» e dos «Bobarias» medievos, que talvez o juri mesmo ignore.

Um soneto de Camões é uma peça de dicção ultra dificil, e de toda a camoneana decerto a menos propria para um recital contemporáneo.

Trechos do Frei Luiz de Sousa?

Mas a velha peça de Garrett exige, para uma admissivel compreenção de qualquer das partes, e para a sua integração no ritmo da obra, uma cultura vasta dos romanticos e das suas filiações.

Finalmente, para se dançar um minuete seria preciso que houvesse quem o ensinasse a dançar, que não ha!

E tudo isto para o corista ir representar o «terceiro Ramboia» no quadro dos «Quintalinhos»!

Batatinhas meus amigos!

Henrique Roldão

O nosso querido e ilustre camarada Henrique Roldão, que se encontra no Brazil com a companhia Oscar Ribeiro, foi convidado por alguns jornais do Rio para fazer cronicas humoristicas como fazia em Lisboa, e atravez das quais era já ali muito conhecido. Escusado será dizer que esta noticia nos chega por terceiras pessoas, pois Henrique Roldão é de qualidade de não escrever em viagem, a ninguem...

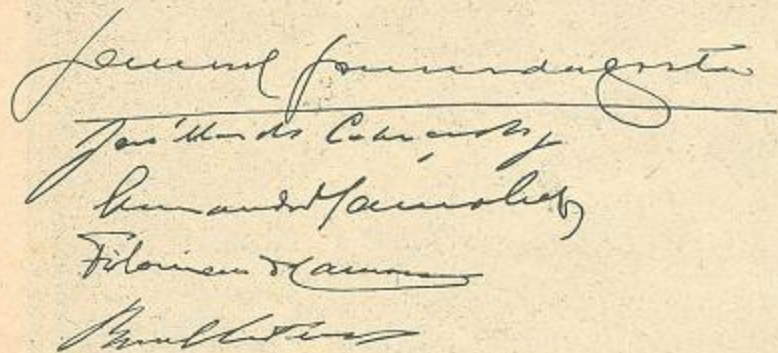
S. Luiz	Gymnasio	Avenida	Politeama	Nacional	Trindade	Apolo	Eden
echado temporariamente.	Fechado temporariamente.	Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.	Sessões cinematograficas e variedades.	Fechado temporariamente	Companhia Lucilia Simões—Erico Braga «O homem das 5 horas».	Fechado temporariamente.	A aplaudida revista «Fox-Trot».

A entrada triunfal do general Gomes da Costa e do seu estado maior em Coimbra, no momento em que a Academia e o povo aplaudem o chefe do movimento militar no Norte

(Cliché d*e* O Domingo ilustrado)

VARIA

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

Os autografos dos chefes revolucionarios, feitos propositadamente em Coimbra para O Domingo Ilustrado, *no album de desenhos do nosso director sr. Martins Barata analisados pela nossa grande grafologa*

GENERAL GOMES DA COSTA.—Espirito simplista (traço imcompleto dos GG). Firmeza e egualdade de caracter (a grande recta horisontal), gosto de exibição e preocupação de justiça (o C maiusculo de curva vai-vem), vontade (corte superior do F). Rectidão moral (ponto fiual, simbolo grafico que jamais falha).

JOSÉ MENDES CABEÇADAS JUNIOR.—Modestia sincera (letras apenas ameaçadas). Espirito conciliador e desinteressado (os sinais do E aberto e da cedilha muito afastados). Pouca audacia e nobreza de porte (letras separadas). Feitio liberal (curvas envolventes do J).

ARMANDO OCHÔA.—Temperamento muito firme e espirito culto (letras de desenho continuo), viagens, leitura e escrita de literatura (maiusculas inglesas). Elegancia mental e moral notaveis.

FILOMENO DA CAMARA.—Temperamento muito nervoso, (eixos obliquos nas maiusculas). Espirito artista e audacioso, (as grandes curvas convergentes). Irreflexão. Cultura. Energia. Espirito irascivel e sensual.

RAUL ESTEVES. — Estudo. Calculos. Firmeza absoluta de caracter. Miopia. Dominio de vontade. Pouco exibicionista. Pouquissimas palavras, (tendencia rectilinea e simplificadora notavel). A vontade mais firme dos cinco autografados.

DEVOTA DE S.TO ANTONIO.—Caracter suave, dedicado e compreensivo; ordem, lealdade, pouca vaidade, generosidade bem entendida, ideias sãs e generosas, sentimento do dever, espirito religioso, bom gosto, amor ao lar, nada mentirosa, verbo facil e atraente.

UMA JOVEM DOENTE.—Energia moral, boa imaginação e boa força de vontade, sensualidade, caracter ciumento e dedicado, curiosidade desmedida, pouca vaidade mas bastante orgulho, a sua letra não se parece em nada com a dos doentes. Portanto creio que o pseudonimo mente . . . ¡felizmente para si!

MIUDA AO LUAR.—Boa, cultivada inteligencia, distinção, mundanismo, trato afavel e agradabilissimo, boa memoria, lealdade, bom gosto, muito orgulho e muita dignidade de si propria, um poucochinho religiosa, habilidade manual, amor á estetica, tudo isto, salvo o orgulho, não creio que sejam qualidades para fazer infeliz uma pessoa. Portanto. . . ?

RIFENHO.—Caracter pratico sem ser mesquinho, reservado, trabalhador, amante da literatura (quando tem tempo para isso); ambicioso, leal, com boa memoria e bom coração.

MILETTE — Caracter impulsivo, um tanto violento e facilmente irritavel, espirito ironico, amor aos livros e ás bonecas, nenhum sentido pratico para nada, sonhadora, nada mentirosa, inteligente e preguiçosa.

ZÉ MALHADO.—Caracter afavel que parece brando na aparencia mas que tem força de vontade, tenaz e paciente, memoria explendida e culto pela recordação (guarda cartas, coisas, retratos . . .) gostos originaes e simples, nenhuma vaidade, sentimento de poesia, reservado, ideias proprias, mais optimismo que pessimismo.

LOSTA FERRO.—Caracter nervoso e facilmente irritavel, inteligencia assimilavel, optimismo, sentimento de poesia (em prosa), boa memoria, generosidade bem entendida, desconfiança e incredulidade, amor aos livros, sensualidade cerebral.

O MEU AMOR E AIRES.—Caracter nervoso, um tanto acanhado, espirito religioso, curiosidade, desconfiança, inteligencia assimilavel, ordem, bom gosto, boa memoria, pouca vaidade, amor aos versos, e ás flores..., espirito critico interiormente, dedicada e com bom coração.

JAID.—Força de vontade media, generosidade bem entendida, ordem, lealdade, trato afavel, muito dedicado aos seus, boa disposição de animo, reservado, nada mentiroso mas achando piada aos que mentem, ideias proprias e praticas, orgulho de si proprio. Obrigada em nome dos meus pobres.

HEROINA. Consultas a lapis não servem.

JOLA MANHO.—Boa e cultivada inteligencia, caracter um tanto exaltado, bom gosto, amante da poesia, generosidade, amor á estetica, espirito creador, coração dedicado mas orgulhoso (não deduzo pelo texto escrito, que aliás vê-se é dum livro), sensualidade forte, ambição, amor á discussão, nada mentiroso.

ALMIDA.—Viva imaginação um tanto exaltada, boa memoria para a leitura, mutito orgulho e um tanto vaidoso da sua pessoa, generosidade, força de vontade, impaciente, habilidade manual mal aproveitada.

ZORA.—Temperamento impulsivo, ciumento, religiosa sem exagero, mundanismo, sentido pratico das coisas, sentimento do dever, uma grande fé no futuro e em que agindo bem, tudo deve sair bem; ordem, aceio, ideias largas, bondade pronta a perdoar os defeitos alheios, amor á verdade e aos livros.

DAMA ERRANTE

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no subscrito «Consulta particular», e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—«A DAMA ERRANTE».
RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS
o passatempo da moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. ALVARO COUTINHO, 17 R/C.—LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior, saírá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

Mario Freiria, Auledo, Kuritsa, Parsifal, Lohengrin, Dr. Da Maia Raça, Adalberto Bêco, Dr. Lice, Nono, Stelio, Militarzinho & Ventry, Anfélio, Varandas, Coutewell, Calcinhas, Mascara Negra, Mario Nunes dos Santos, Dois Principiantes, José Reis, Sellen, Doentio, Spartanus, Arierep, Os Gregorios Laricas.

DECIFRAÇÕES DO N.º 71

HORIZONNAIS—1 vista, 2 pipas, 3 cc, 4 ao, 5 panorama, 6 ranço, 7 alira, 8 tó, 9 ás, 10 normalidade, 11 lu, 12 au, 13 relatais, 14 amar, 15 sola, 16 rir, 17 bala, 18 sun, 19 amór, 20 ia, 21 ao.

VERTICAIS—1 vis, 22 sol, 3 cão, 23 côr, 5 pinto, 24 mão, 25 Ana, 26 avisa, 27 côr; 28 tad, 29 ateu, 30 mi, 31 mal, 32 ira, 33 dá, 13 raro, 34 er, 35 is, 36 sós, 14 ara, 37 mim, 38 lua, 39 amo, 40 aí, 41 lá.

PROBLEMA D'HOJE

(Original do nosso distinto colaboradôr MARIO FREIRIA).

HORIZONTAIS—1 veloz, 6 durará, 12 pron. demonst. (em francês), 14 unir, 16 nota de musica, 18 exclamação de dôr, 20 interjeição, 22 hervas (deminuitivo), 28 Deus do sol no Egipto, 29 nome de mulher, 30 fluido, 31 elemento, 32 outra coisa, 33 duas consoantes, 34 unico, 35 àquele, 36 animal (fem.), 37 nota de musica (inv.), 38 prefixo de negação, 39 pronome pessoal, 40 galharda, 41 doença contagiosa (plural), 42 ande!, 43 duas consoantes, 44 nome de homem, 45 veneno com que os selvagens do Amazonas envenenam as flechas, 46 doidos.

VERTICAIS—1 pêlos de certos animaes, 2 nota de musica, 3 nome feminino, 4 diverte-se, 5 duas vogais guais, 6 caminhe! 7 duas letras de «Lida», 8 da voz, 9 egreja (inv.), 10 facultado, 11 interessante (dim. fem.), 12 animaes (dim.), 13 elemento, 14 aqui, 15 missiva, 16 planta espinhosa (pl.), 17 pensai, 18 adverbio de tempo

19 caminhava, 20 pron. pess. (inv), 21 permanecer, 22 som fonético que corresponde em português ao «gn» francês (inv.), 23 batraquio, 24 duas letras de «ovo», 25 despido, 26 interjeição, 27 apelido.

CORREIO

ADALBERTO BÊCO.—Pode mandar. ¡Se estiver nas condições publicar-se-ha.

MILITARZINHO & VENTRY.—O problema que enviaram sairá num dos proximos numeros. Sempre ás ordens.

VISCONDE DA RELVA.—Idem.

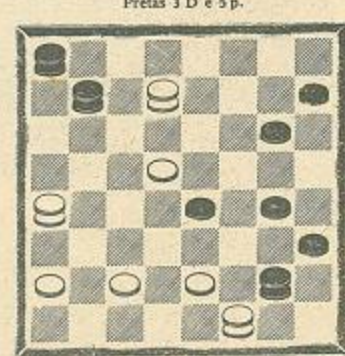
ARIEREP.—Pode mandar.

DAMAS

solução do problema n.º 71

	Brancas	Pretas
1	23-27	31-24
2	10-15	3-10-19
3	1-5	19-1
4	5-9	14-5
5	21-3-12-19-28	1-?
6	28-1	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 72

Pretas 3 D e 5 p.

Brancas 3 D. e 4 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 70 os srs.: Alfredo Costa (Barreiro), Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Carlo Gomes (Benfica), D. Emilia de Sousa Ferreira, e José Magno (Algés).

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Artur Santos, como retribuição a «Um principiante», com os seus agradecimentos pela dedicação que lhe foi feita do problema n.º 69.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 72

Por W. Meredith.

Pretas (7)

(Brancas (5)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 70

1—D 1 B R, B. 7 C: 2 D. 1 C D
B. 6 B; 2 D. 3 D
B. 4 R; 2 D. 5 B
P. 6 C; 2 C. 7 C +

Este problema obedece a um tema que vulgarmente se designa com o nome de «caça». A dama branca persegue o bispo preto, ameaçando mate em 7 T R que só póde ser defendido com —P. 3 C R o que permite o mate por D × B.

Resolveram os srs.: Vicente Mendonça, Marques de Barros e Club Portuense (Porto).

UMA NOVELA PARLAMENTAR COMPLETA

Teatro Novo ou "a voz do Passado" de ha oito dias...

Pagina de bom-humor sôbre a comedia de S. Bento, que acaba de findar com a apoteose em que se viu Braga por um canudo...

—NÃO imagina o belo efeito que produziu a «première». —Os jornais tambem o registaram. —Mas não deram uma palida ideia, sequer, do que aquilo foi. Os córos afinadissimos; o acompanhamento esplendido, as entradas muito a tempo. Tambem a casa tem-se enchido em todas as sessões. Os bilhetes esgotam-se todos os dias. E mal toca a campainha, o publico invade os seus logares com um interesse que bem demonstra o agrado que todos os numeros despertam. E' um entusiasmo como já de ha muito se não via.

—Vamos a ver se lá posso ir uma noite destas.

—Vá, que não perde o seu tempo.

Ao ouvir no electrico este fragmento de dialogo travado entre dois passageiros sentados na minha frente, ia já verdadeiramente intrigado, sem saber a que genero de espectaculo se referiam. Tanto mais dificil de descobrir, quanto é certo que ultimamente todos os teatros teem atravessado uma tão grande crise.

Qual seria, portanto? De mais, falando-se em córos, não via qual pudesse ser actualmente o teatro musicado em tão plena aura de sucesso. Mas os meus companheiros de viagem continuaram misteriosamente:

—E depois tem a vantagem de ser de «borla».

«E com um elenco numeroso, uma companhia enorme, numeros variados e de sensação, é, na verdade, para atrair.

Mas onde seria este teatro, com tão grandes atractivos? E com tais preços, na verdade tentadores? Bom e barato, neste tempo! Onde se forneceria este espectaculo tão convidativo? Só no paraiso. Ia já a desinteressar-me do assunto, convencido que os meus companheiros de viagem não passavam de dois lunaticos, vivendo de utopias, falando só de coisas fantasticas, de impossiveis, quando um outro passageiro sentado á minha esquerda e decerto tão intrigado como eu, não se podendo conter, interrogou os nossos enigmaticos companheiros de viagem:

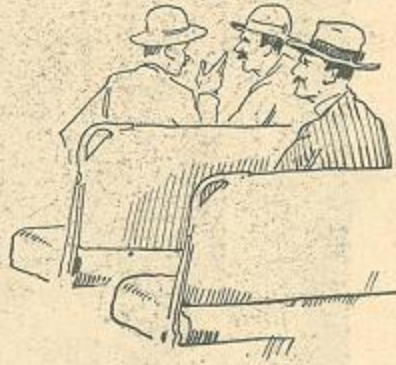
—Queiram desculpar a impertinencia, mas era um grande favor se V. Ex.as me pudessem indicar onde se pode adquirir essa pechincha?

—Em S. Bento—informou muito amavel um dos interrogados;—mas deve ter uma certa dificuldade em arranjar bilhete. Desde que debutou o orfeon parlamentar e durante as sessões ha jaz-band, teem sido enchentes consecutivas; tanto nas matinées, como nas sessões nocturnas.

—E ha espectaculo todos os dias?—inquiriu ainda o meu curioso companheiro.

—É claro que não podia ser; não só porque os artistas teem de descançar, pois o jaz-band, principalmente, é violento, mas tambem porque são precisos muitos ensaios, para resultar coisa de geito.

—Ás vezes são até necessarios alguns ensaios de pancada—comentou o segundo dos interrogados.

—Mas foi uma excelente ideia—continuou o primeiro;—os afinados córos das oposições vieram demonstrar que as sessões parlamentares podem ter um interesse que nunca tiveram, de deixar de ter aquele ar monotono e sonolento que afugentava o publico das galerias. Agora, não. A confirmar o

Era um dialogo extranho...

sucesso, lá estão diariamente a atesta-lo as galerias replectas dum publico avido de emoções artisticas. De resto, o jaz-band é excelente; resulta um belo efeito e dá um harmonico conjunto a combinação da campainha e do carrilhão da presidencia, com os varios sons extraidos das carteiras e das respectivas tampas.

«Então aquele final, quando o Senhor presidente, excitado, põe o chapeu com tedo o «salero» e dança uma nervosa jota pelas escadas abaixo, é surpreendente de graça e causa sempre enorme sensação. E brevemente haverá novos atractivos. Não pode ser tudo duma vez. Mas foi uma excelente ideia, porque efectivamente o anfiteatro da sala das sessões dá um belo teatro por sessões.

—Mas então isso continua?—quiz ainda saber o meu vizinho do lado.

—Decerto. Pensa-se nisso. E é natural, perante aquele inesperado sucesso. Por estas primeiras experiencias dos deputados se póde avaliar o que poderá ser no futuro, uma representação da representação nacional. Com outra preparação, mais alguns ensaios de apuro, as vozes mais afinadas e principalmente com outra letra para os varios coros e outros numeros de atracção, digo-lhe que é coisa para não sair tão cedo do cartaz. E então quando reunir o congresso, o efeito deve ser dos mais surpreendentes. Póde crer que o publico acorrerá então em massa ao teatro de «S. Bento», sem receio de que os seus passos sejam passos perdidos.

—É certo,—disse iluminado e numa visão o nosso segundo companheiro, o qual, pelo que lhe ouvi, tinha grande queda para profeta miliciano;—parece que estou a ver o que será esse novo teatro. A campainha toca, chamando o publico. O interesse é grande! Os automoveis param, replectos, junto dos largos portões. No «foyer» dos passos perdidos é enorme a ansiedade. Representa-se, por exemplo, a deslumbrante «feerie» de grande efeito, a engraçada revista farça intitulada «Quem torto nasce...»; o primeiro quadro «Peço a palavra» é um quadro de costumes, ou melhor, de maus costumes politicos. No segundo quadro «Negocio urgente» canta-se o engraçado «couplet» dos duodécimos; em choradinho o comovente fado do orçamento; e muito sentimental a triste canção da divida externa.

Tocavam um «jazz-band» diabolico...

No segundo acto a grande atracção, a engraçada cega-rega dos altos comissarios, e no fim o côro patriotico final do primeiro acto aos altos destinos da patria, côro todo em altos e baixos e de grande efeito. E tudo isto acompanhado pelo esplendido jaz-band.

—Pelo batuque?—interrogou ainda o meu vizinho.

—Chamemos-lhe assim, se prefere.

—Digo isto, porque me constou até que em varias tribus do interior das nossas colonias se tem notado o facto, e diz-se por lá que nós somos uns impostores; gabamo-nos de os civilizar incutindo-lhes os nossos habitos e os nossos progressivos costumes, mas afinal adoptamos cá em casa os seus processos e sistemas, adoptando sem rebuço o regimento e plagiando os processos adoptados nos seus selvaticos parlamentos. Que assim temos copiado os seus modelos: o batuque, as carteiras partidas e a desordem do dia das nossas sessões parlamentares.

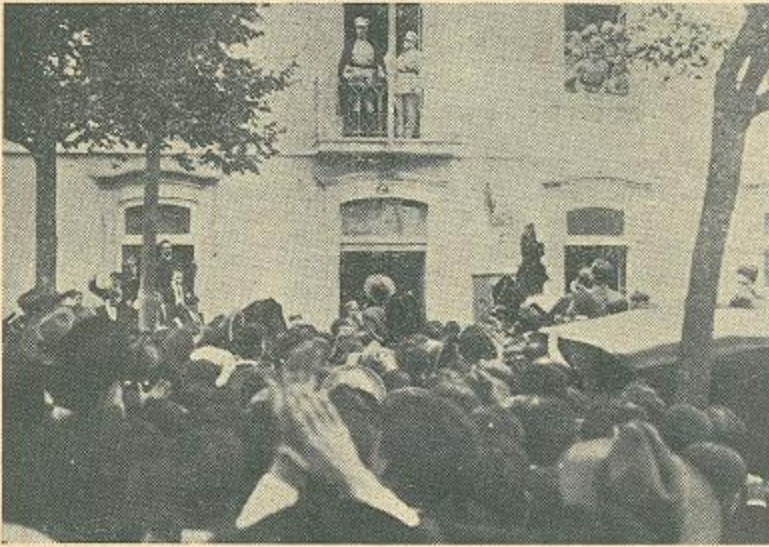
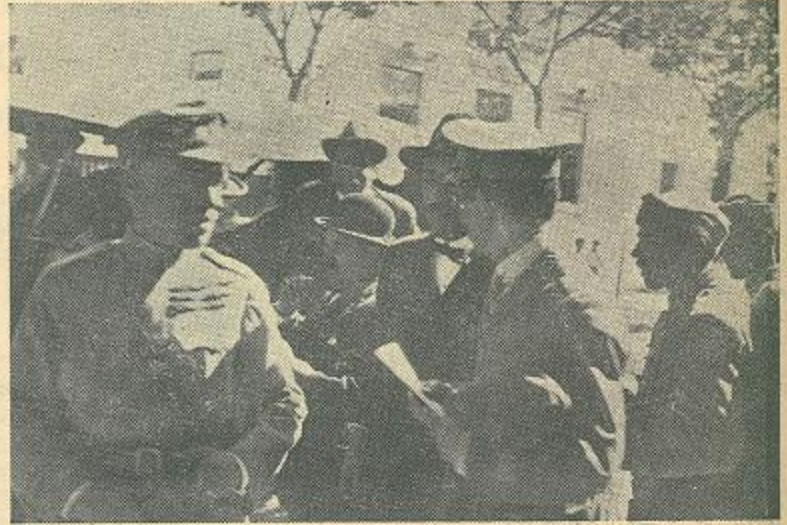
—Intrigas,—respondeu o nosso interlocutor.—Mas seja como fôr, assim é que está certo. Na verdade, o que resultava das sessões como se faziam antigamente? Nada. Tudo cada vez peor. Decorria tudo numa atroz monotonia; a maior parte das vezes nem havia numero; as galerias eram perfeitos desertos, cuja aridez os pobres continuos contemplavam desolados. E os proprios parlamentares, quando lá iam, era para dormir uma sonéca ou escrever cartas á familia. Os assuntos arrastavam-se por entre o enfado geral, sem ninguem por eles se interessar. Agora, não. Ha vida, ha movimento, animação, ruido. Não se trata de cousa alguma, senão por musica, e não cabe lá um alfinete. E mais tarde, quando se realizar aquela minha previsão de ha pouco, melhor será. Então os actuais «leaders» passarão a denominar-se as estrelas dos partidos. E está certo. São eles que na verdade dão todo o brilho ao partido que representam. No cartaz vemos, por exemplo: hoje festa do Senhor Fulano de tal, estrela do partido democratico, ou estreia do Senhor Cicerano de tal, a gentil «divette» da minoria monarquica. Creiam que tudo o que lhes digo não vem longe, pelo caminho que as coisas vão tomando. Por exemplo, o Senhor Cunha Leal já de vez em quando vai em «tournée» pelas provincias.

O nosso amavel informador calou-se. Olhou para fóra. Chegavamos a S. Bento. O carro parou, á ordem de uma patrulha de cavalaria. No largo do Congresso, grande agitação; correrias; de dentro do edificio saía gente apressada, e a policia, com uma certa violencia, dispersava grupos, de sabres desembainhados. De repente, uma onda maior de gente saiu do edificio; ouviram-se gritos, imprecações; as correrias intensificaram-se, tudo se complicou. O carro teve de retroceder, porque a permanencia naquele sitio já se estava tornando perigosa. Informaram-nos então de que lá dentro, nos passos perdidos, ainda o caso era muito peor. Estava-se procedendo ao ensaio geral duma antiga revista muito do agrado do publico e que em tempos fez sucesso.

Tratava-se da reprisedo «ó da Guarda»... Republicana.

AUGUSTO CUNHA

Actualidades gráficas

OS ACONTECIMENTOS

O general Gomes da Costa, envergando uma capa de estudande, em Coimbra, quando pronunciou o seu violentissimo discurso das janelas do quartel general daquela cidade.

Em Coimbra, o ilustre oficial Raul Esteves, com o major Vasco de Carvalho, chefe de estado maior revolucionario; ao fundo, o comandante Filomeno da Camara, á chegada ao quartel general.

Um Wickers armado com a sua metralhadora e no qual momentos depois de feito o «cliché» voou um piloto levando a mensagem de Mendes Cabeçadas a Gomes da Costa. Junto ao aparelho, o grande aviador Ribeiro da Fonseca.

Contingentes da guarnição de Braga a caminho da concentração do Porto.

Tropas de Mafra acampadas na Amadora, momentos depois de chegarem, e preparando-se para o rancho.

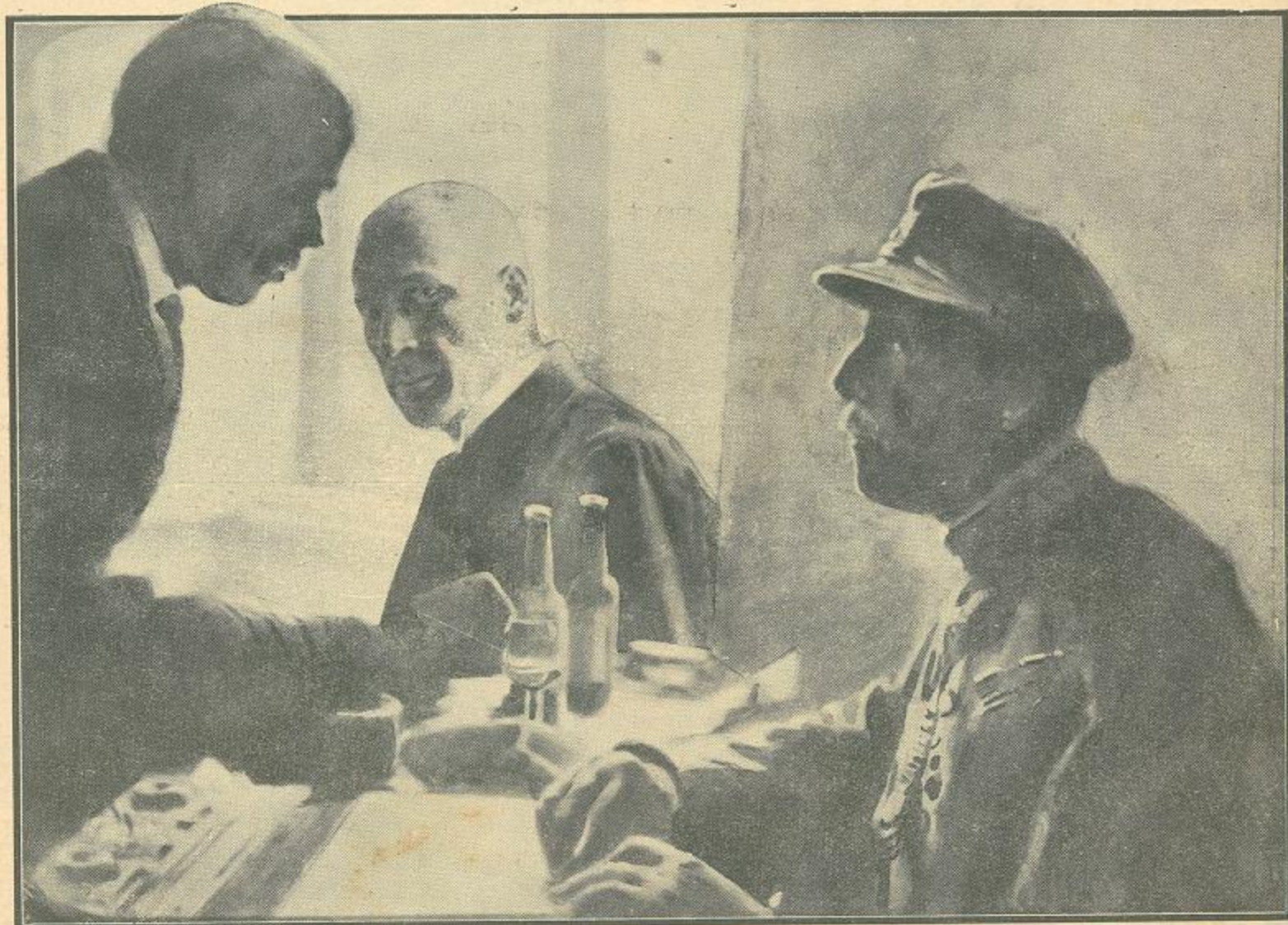
A' entrada na gare de Coimbra, o publico espera ansioso a chegada do comboio do Porto, onde vem o chefe do movimento.—*(Clichés de* O Domingo Ilustrado)

Publicidade

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

A CONFERENCIA HISTORICA DE COIMBRA

O general Gomes da Costa, o comandante Mendes Cabeçadas e o comandante Armando Ochôa, primeiro triunvirato saido da Revolução Militar, no momento culminante do encontro de Coimbra. Este "cliché" foi audaciosamente feito na propria sala do quartel general onde se realisou a conferencia historica, pelo nosso enviado especial ao Norte.

VER NO INTERIOR:—A maior reportagem grafica dos acontecimentos e uma novela sobre os mesmos. Autografos dos chefes revolucionarios.